

O HIP HOP EM UM CONTEXTO ÉTNICO-VIRTUAL

Jancleide Teixeira Góes¹ (UFBA)

Este trabalho pretende analisar a representação étnica de membros do *hip hop* na internet. Dois *websites*, *Artigo de Rua* e *Rotina Poética*, serão analisados, a partir do pressuposto de que os corpos integrantes do Movimento *hip hop* são reflexos de suas vidas contrastadas entre o social, o racial e o ambiente virtual em que eles se projetam. Para tal, serão utilizadas como aporte teórico as reflexões de Vianna sobre o *rap* como performance, Hall sobre as identidades étnico-raciais, Marcuschi em relação a internet como gênero textual e Ron Eglashi sobre as raízes africanas da cibernética.

Palavras-chaves: Hip Hop. Internet. Representação étnica.

Os membros do movimento hip hop, representados física e discursivamente no espaço virtual através de sites e blogs, inserem-se na cultura globalizada e liquidez pós-moderna, muitas vezes com instrumentos tecnológicos mínimos que são amplificados através de estratégias táticas, para que estes veículos possibilitem a invenção de identidades afirmativas, que como próteses high tech ampliam o leque de identificações para que estes sujeitos possam autogerir seus modos de ser socialmente. Desta forma, este trabalho propõe-se a analisar a representação étnica dos membros do hip hop no meio virtual. Para isso, utilizaremos as considerações de Hall para discutir as questões das identidades étnico-raciais, Souza para observar o âmbito do movimento cultural e ainda Dayrell para o debate sobre a socialização do jovem por meio do hip hop. E metodologicamente serão observados dois websites, *Artigo de Rua* e *Rotina Poética*.

Em nossa pesquisa, partimos do pressuposto de que os corpos integrantes da cena hip hop são reflexos de suas vidas contrastadas entre o social, o racial e o ambiente virtual em que eles se projetam. A internet é um importante veículo para a discussão destas questões na cultura globalizada, porém ainda há pouca investigação em termos de linguagem e da constituição do sujeito perante as condições de produção das tecnologias digitais (KOMESU 2010). Algo que nos propomos também a pensar a partir deste trabalho que é produto de reflexões iniciais da pesquisa.

¹ Estudante de letras vernáculas com língua estrangeira espanhol. Pesquisadora do grupo Rasuras: práticas de leitura e escrita, Integrando o projeto Etnoescrituras: proficiência multimodal de leitura e escrita em contexto extra escolares. Sob orientação do Prof. Dr José Henrique de Freitas Santos.

“A ‘globalização’ se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizações em novas combinações de espaço-tempo” segundo MC GREW (apud Hall 1992). Tal conceito elucidado, *grosso modo*, o funcionamento da internet enquanto suporte. Segundo Hall (1992), “essas características temporais e espaciais, que resultam na compressão de distâncias e de escalas temporais, estão entre os aspectos mais importantes da globalização a ter efeitos sobre as identidades culturais.” Logo, a web é um lugar tático, por ser um trincheira em que estas questões identitárias apresentam-se.

A globalização sugere tanto uma homogeneização quanto uma diferenciação de identidades, pois o local passa a interagir com o global, ou seja, “ao invés de pensar no global como “substituindo” o local seria mais acurado pensar numa nova articulação entre ‘o global’ e o ‘local’” de acordo HALL (1992). Sob esse prisma, pensamos na seguinte problemática: A internet é um lugar de discursos no qual a visibilidade e a auto-representação tem sido as principais questões para pesquisar identidades que se constroem em discursos de representação étnica, social e até mesmo nacional. Ora, como esses sujeitos do movimento hip hop se apresentam em um meio que põe em xeque a visibilidade, a homogeneidade, a “localibilidade”, o pertencimento físico, já que é uma aldeia global?

As crescentes narrativas de si no meio virtual fazem a internet transcender a um uso utilitário, fazendo com que o sujeito contemporâneo afete-se pela vida virtual. Através da construção de um discurso de identidade, o individuo tem a sua disposição a possibilidade de ser tão fragmentado quanto a vida contemporânea o é, só que aqui as disposições táticas são mais variadas e a flexibilidade para que se assumam outras posições-de-sujeito muito maior do que na vida social presencial.

De acordo com HALL (1992), “a homogeneização cultural é o grito angustiando daqueles/as que estão convencidos/as de que a globalização ameaça solapar as identidades e a unidade das culturas nacionais”, desse modo, propomos a internet, quanto suporte, como um lugar não demarcado em tempo e espaço pela sua abrangência mundial.

O hip-hop é um movimento orgânico, vivo, jovem e nascido no berço da diáspora negra. Arraigado na cultura de comunidades populares, a maioria de suas produções artísticas

surtem das relações sociais marginalizadas que se destacam com autonomia perante a cultura central autorizada. Logo, o compreendemos como um movimento social juvenil urbano enraizado no segmento populacional de baixo poder aquisitivo, a maioria negra e jovem (SOUZA 2011).

Chegou ao Brasil no final na década de 1980 após um longo regime de ditadura militar que durou quase vinte anos. Neste momento os subúrbios tinham ganhado as dimensões de cidades com péssimas estruturas físicas, o país passou a ouvir as vozes dos militantes que saíam para ruas exigindo seus direitos e os “bailes blacks” tomavam conta das periferias de centros como São Paulo e Rio de Janeiro. Sob a influência da música negra America considerada como alternativa de prazer foi o propiciador a uma nova cultura local. É um novo cenário de contrastes, adaptações e novas formas de vida.

O hip hop nasce e se cria nas ruas das periferias, ultrapassando a noção de mera reunião de jovens pobres e negros e se constitui como uma intervenção cultural, social e, principalmente, política nascida de uma base de cultura negra que fez gerar novos sujeitos sociais, aqueles que refletem a sua condição na sociedade por meio da poesia, da música, da dança e dos traços de grafites.

Para Nelson Maca, professor da Universidade Católica de Salvador e mobilizador do Coletivo Blackitude,

A cultura hip hop representa para nós, afrobrasileiros, mais uma oportunidade de diversão, ao mesmo tempo que fortalece nossos laços identitários, atualizando-os com as experiências da contemporaneidade. Valoriza linguagens artísticas de concepções estética e temática que envolvem os elementos presentes no dia-a-dia da comunidade preta, de forma crítica, atuante e, sobretudo, bela. São manifestações das artes plásticas, da dança e da música. (MACA,2005. Pág. 4)

Logo, identificamos uma cultura local construída por seus iguais, sem a ideia nacional de uma identidade dum coletivo imaginado nas instituições legais como a escola. HALL (1992) afirma que

A cultura popular carrega essa ressonância afirmativa por causa do peso da palavra “popular”. E, em certo sentido, a cultura popular tem sempre sua base experiências, prazeres e tradições, memórias e tradições do povo. Ela tem ligações com esperanças e aspirações locais, tragédias e cenários locais que são práticas e experiências cotidianas de pessoas comuns.

Ressalvamos que a construção do sujeito popular é coletivo e faz transparecer o cotidiano em suas características conceituais de identidade. De fato, é a garantia de sua casa de berço com todos seus direitos preservados que deseja o integrante do movimento hip hop, um sujeito que garante seu lugar de margem, porém grita por um lugar autorizado, de respeito.

O hip hop é um processo de socialização principalmente para os jovens. A sociabilidade surge do contato com o outro, o indivíduo é incapaz de pensar-se sem o auxílio da sociedade, sendo esta a realidade primeira e fundamental (DAYRELL, 2005). Nesse caso, essa relação com o outro surge pela música e ecoa nas ruas periféricas das cidades: “A cultura hip hop funda-se na participação majoritária de jovens que buscam se expressar através de linguagens artísticas de rua”. (MACA, 2005)

Na medida em que os sistemas de significação se multiplicam na contemporaneidade, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de representações nas quais se formam, se deformam e se transformam as identidades (HALL 1992). O sujeito do hip hop é um militante assumidamente ou não. Ele carrega no corpo, na linguagem e no olhar uma mensagem que pede mudança, tomada de poder, uma voz ativa que produz um discurso de posicionamento crítico frente a nossa sociedade. O referido posicionamento é construído com suas próprias armas intelectuais reconhecidas ou não pelas instancias legitimadoras. É um corpo impregnado de conceitos próprios, produzido em seu lugar de origem por seus iguais e levado a outros.

O lugar das relações sociais do hip hop é a rua, ocupada pela necessidade de liberdade de uma juventude podada dos seus direitos básicos – educação, emprego, lazer etc – que busca reestruturar suas necessidades para além dos condicionamentos sociais. É um novo processo que gera críticas, mudanças, atritos e produz uma nova “territorialização”, no modo de viver e relacionar-se. Quando o hip hop chega ao Brasil, na rua a ordem era ocupar os espaços públicos para dançar, divertir-se, criar e competir. (SOUZA, 2011).

Porém, com o passar do tempo o hip hop ganha um forte caráter político de reivindicação de espaços para juventude enquanto sujeitos sociais. Nesse contexto, o espaço virtual emerge como um dos lugares ocupados para explicar suas exigências, críticas e produção intelectual. Como fica perceptível nos blogs que serão analisados a seguir: Optamos por um blog publicitário, válido para observação de como esse coletivo se auto-representa por intermédio

dos seus iguais e uma *homepage* individual e literária proporcionou a observar a construção de uma identidade em um lugar movediço que é a internet.

A escolha de *Artigo de Rua e Rotina Poética*, respectivamente, não atendeu a uma exigência unívoca, pelo contrário, a primeiro webpage foi encontrado na rede social do facebook se identificando como perfil civil e ao mesmo tempo redirecionando para o blog de mesmo nome. Ao acessar a página residente no blogspot percebeu-se a estrutura de um site institucional, a exemplo da barra superior apresentando seções como: “Quem somos”; “Agenda”; “Galeria” como se fosse um observatório de imprensa. O que despertou o interesse pela página foi a grande quantidade de notícia sobre o cenário brasileiro do hip hop e de Salvador.

Em relação ao *Rotina Poética* o interesse surgiu de outro modo, o fato de reconhecer o dono do blog nos ambientes de rappers, poesia e debates sobre questões raciais isso marca que ele carrega uma personalidade. Além de sua auto-identificação e profissão como grafiteiro, consideramos sua participação em eventos como o *Sarau Bem Black* importantíssimo para observar como é sua representação em um ambiente virtual, seu próprio blog.

O *Artigo De Rua* é um canal informativo para quem é assíduo ou não ao hip hop e possui uma postura publicitária e sociabilizadora, pois é possível fazer com que as informações circulem e isso proporciona uma manutenção sistemática dando vida ao movimento. A proposta de fazer um blog com o intuito de divulgar os trabalhos artísticos, especialmente dos rappers, nos possibilita avaliar como essa organização forja construções identitárias de sujeitos sociais, conforme suas demandas. Dividido em três colunas, a primeira, do lado esquerdo de quem vê a tela, faz parte da organização estrutural da página, sem nenhum destaque ou informações válidas, contém apenas links de redes sociais, de categorias de textos, propagandas do Google e o histórico. Na coluna central tem um painel, chamado de slide-show, com links e imagens apresentando as principais notícias, em seguida estão as postagens em estilo jornalístico, o conteúdo tem a ver com divulgação dos trabalhos artísticos desde lançamento de CD a *shows* e ainda hiperlinks de reportagens sobre o que está acontecendo no cenário musical do rap e ainda há um mostruário de comentários feitos através do facebook. Na coluna seguinte, a direita de quem vê a tela do blog, encontramos links de direcionamento a varias redes sociais, mais um grupo de links para histórico, postagens mais populares, palavras-chaves, um painel para acompanhar as postagens do twitter, um Box para comentários de leitores, e algo muito

interessante que é o uso do hiperlink, há uma media de dez links que atualiza postagens de outros blogs com a mesma temática e no fim da página dois contadores de visitas. Ainda há o *footer*, o pé da página, com a seção de seguidores, vídeos e imagem com link recomendando um CD para *download*.

A página “Quem somos” não nos apresenta uma definição, ela parece estar em construção. Contudo, há muitas informações no facebook, rede social que o blog faz uma ligação interativa, desde comentários a propagandas. No perfil social intitulado de Artigo de Rua - Igor, temos:

Artigo De Rua:

Segue com o compromisso de levar informações sobre o Movimento Hip Hop e a Cultura De Rua, onde divulgamos informações de varias regiões do Brasil, nosso objetivo e levar informações do Hip Hop e a Cultura de Rua o mais longe que pudermos. Seguimos com a ideia de divulgar e fortalecer os trabalhos de vários artistas principalmente os Artistas Independentes.²

Já em uma página intitulada apenas por Artigo de Rua (organização) apresenta a seguinte descrição:

Chega com o propósito de levar informação referente ao Movimento Hip Hop Brasileiro e a Cultura De Rua, passando informações sobre eventos e tudo que se refere ao movimento Hip Hop.³

E por fim a página do grupo também denominada de Artigo de rua apresenta uma definição minúscula sem grandes informações: “Artigo De Rua! Trabalhamos na Divulgação dos trabalhos de artistas da cena brasileira. De Norte, Sul, Leste a Oeste. Confira o Blog Artigo De Rua”⁴

Dentro dessas definições verificamos que o pequeno grupo de jovens administradores são responsáveis por uma autogestão identitária, eles estão dispostos a articular informações, conectar estados, fazer circular as produções artísticas, uma vez que os integrantes do movimento hip hop tem uma aversão ao sistema midiático formal devido sua construção. A autogestão está voltada a manutenção do sistema hip hop em prol de sua autosustentação quanto um grande movimento social. É de tal modo que o Artigo de rua pode ser avaliado, quanto promovedores e sistematizadores das necessidades de dinamismo que qualquer movimento precisa para reesistir, seu único objetivo.

² Informação tirada da página: <http://www.facebook.com/BlogArtigoDeRua?sk=info>

³ Artigo de Rua (organização) <http://www.facebook.com/pages/Artigo-De-Rua/239117199444532?sk=info>

⁴ Página do grupo: <http://www.facebook.com/groups/157452994303687/members/>

O *Artigo De Rua* apresenta uma forte ligação com as redes sociais, meio pelo qual os leitores têm acesso ao blog, opinando, sugerindo, criticando e resenhando sobre tudo o que envolve o site. Nesse espaço o contato dos leitores entre administradores e artistas promove uma interação entre os próprios integrantes ou não e mantem a dinâmica das relações sociais entre promotores e seguidores dentro e fora do movimento. Recordando que, segundo Souza (2011),

o universo hip hop é marcado pela reflexão crítica que faz em relação as desigualdades sociais e raciais por meio da poesia, dos gestos, das falas, leituras, escritas e imagens que tomam forma da expressividade de quatro figuras artísticas, a saber: o mestre/ mestra de cerimônia – MC, o/a disc-jóquei- DJ, o dançarino ou a dançarina- *b.boy* ou *b.girl*, e o grafiteiro ou grafiteira.

É nesse sistema de elementos interligados que a sociabilidade no hip hop ocorre (DAYRELL, 2005). A conversação assume para os jovens um papel muito importante, já que o “trocar idéias” é de fato um exercício da razão comunicativa, ainda mais significativo quando encontram poucos espaços de diálogo além do grupo de pares.

O trabalho de divulgação do *Artigo de Rua* viabiliza justamente essa brecha para a conversa, a “troca de idéia” é um ponto essencial para criação de laços sociais como a amizade. Desses pequenos compartilhamentos surgem as críticas, as idéias, as opiniões, sendo mais um espaço que mantém a organização do movimento e possibilita novos diálogos e novos contatos. Percebemos o hip hop como uma complexa engrenagem que precisa de seus suportes técnicos mantenedores de uma linguagem, de um modo de comunicação, de troca de informações e idéias. É o caso deste blog. Não há nada que apresente características únicas de um blog de rap. A marca de sites como o *Artigo de Rua*, com o mesmo objetivo divulgador, são as figuras e o slider-show sempre com muitas imagens expressivas e representativas ao estilo visual do happers. No caso da linguagem segue o padrão jornalístico, de resenhas e propagandas fazendo apologia defesa do hip hop.

No caso do *Rotina Poética* é um *webpage* parcialmente pessoal e integralmente literário. O blog tem poesias de vários poetas e blogueiros, sem um tema único e específico. Foi lançado em março de 2008 e desde então tem uma media de cinquenta e uma postagens entre poemas seus e de outros. A página tem basicamente a coluna central com os *posts* e uma pequena coluna lateral com elementos que remetem ao próprio blog como informações do “quem sou eu”, da *webpage*, o histórico, os seguidores e links para outros sites. Esteticamente, não há muitas imagens apenas o plano de fundo que não tem expressividade a uma leitura que

proponha etnicidade e outras em algumas postagens fotografias de publicadores convidados e poucas ilustrações. Não há no blog, de modo acirrado, uma defesa de lugar, de uma postura afro-descendente ou do hip hop.

A definição do quem sou no perfil do blogger marca o lugar desse blogueiro, ele se auto define como “omo Ifá, preto, graffiteiro, militante do instituto steve biko, poeta...”⁵, nessa definição percebemos a emersão de três identidades que compõe o referido blogger, temos: um religioso do candomblé, militante do movimento negro e representante do movimento hip hop. Podemos perceber um escrita altamente imbricada com as relações étnico raciais. É valido salientar a presença de Elisa Lucinda e Limeira em algumas publicações, dois ícones para a Literatura Negra e escrita marginal, na qual podem ser entendidas como referencias para a escrita do blogueiro.

De modo poético podemos observar sua representatividade étnica e religiosa em seu poema denominado “Reviravolta”⁶

*A minha cara preta
Denuncia a minha raça
O primeiro a saudar
Com certeza nunca falha*

(...)

*Me inspiro em Exú
Atropelo a branquelada
Azeda, covarde, inexata*

*E icenso o caminho q
Que vai dar na liberdade
A fúria me invade
Não sou covarde*

*Luto, atrapalho, arrasto, pirraço
Calçado ou descalço, apunhalo
Pela frente ou pelas costas
não me importa
quero o meu sangue de volta
vingança por qualquer
que seja a proposta*

⁵Pág do blogger: <http://www.blogger.com/profile/03188338012491514640>

⁶ Reviravolta: <http://rotinapoetica.blogspot.com/2008/04/reviravolta.html>

*na escrita, na fala, na bala
na marra, na espada
a ancestralidade não se cala*

(...)

Nesse poema a marca religiosa e étnica é evidente não são apenas versos explosivos, mas há um eu que se identifica, e deseja ser visto pela sua “reviravolta”. No referido texto, o poeta inicia se autodefinindo com sua cara preta na qual busca inspiração no Orixá Exu que é justamente o primeiro dos orixás responsável pela ligação entre o plano material e o plano espiritual. Dando a ideia de que não está sozinho para enfrentar suas reviravoltas que podem ser encaradas com a luta militante em diversos espaços. Como diz o poeta: “*na escrita, na fala, na bala, na marra, na espada, a ancestralidade não se cala*”.

Contudo, saliento que este trabalho é apenas uma reflexão parcial de trabalhos iniciais que me proponho a continuar fazendo, a cerca das autorepresentações identitárias no meio virtual. A observação de dois sites com perspectivas diferentes gerou inquietações teóricas, a cerca da autogestão do movimento hip hop e das representações étnicas-raciais.

REFERÊNCIAS:

ARTIGO DE RUA. Disponível em: <http://artigoderua.blogspot.com/>. Acesso em 08/09/2011.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: O rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva; Guaracira Lopes Louro . 3. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1990.

HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaide La Guardia Resende. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blog e as práticas de escrita sobre si na internet*. In _____ MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos (orgs.). *Hipertextos e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MACA, Nelson. *Algumas Reflexões sobre hip hop e baianidades*. In._____: Revista Palmares: Cultura Afro- Brasileira. Ano 1. Numero 2. 2003.

ROTINA POÉTICA. Disponível em: <http://rotinapoética.blogspot.com/>. Acesso em 10/09/2011.

SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Letramentos de reexistência: poesia e grafite, musica, dança: HIP HOP*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.